

Revista Posição

CAPITALISMO E SINCERIDADE

Felipe Mateus de Almeida

Cientista Social e Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás – UFG.

Neste breve texto pretendemos abordar a questão da sinceridade e da amizade no modo de produção capitalista. Por sinceridade estamos compreendendo o ato de não deturpar os fatos e nem de mentir para qualquer pessoa apesar das consequências que se terá de enfrentar. Ser sincero pressupõe estar pronto para bater de frente com aquela pessoa que se gosta; é estar preparado para não ser um bajulador e abrir mão de conquistar certas coisas (como uma vaga de emprego ou uma vaga em um processo de mestrado/doutorado); é se expressar de maneira verdadeira com quem quer se aproximar de você ou com quem você quer se aproximar sem se esconder por trás de máscaras por medo de não agradar ou ser agrado; é demonstrar sua personalidade, seus sentimentos, suas qualidades e defeitos. Em resumo, ser sincero é admitir que não somos iguais na questão dos gostos e valores e que é essa diferença que nos faz criar vínculos e relações sociais.

Através de tal definição vem a pergunta: existe espaço para a sinceridade em uma sociedade capitalista? Acreditamos que sim, porém é algo difícil. Nessa sociedade nós não estamos prontos para bater de frente com aquela pessoa que gostamos porque temos medo de sermos magoados e não sermos correspondidos, de não tê-la em nossos braços e poder possuí-la – sim, nós aprendemos nessa sociedade (assim como nos explica Erich Fromm em seus livros *Ter ou Ser?* e *A Arte de Amar*) que só podemos usufruir de algo ou alguém se nós o possuímos, se nós o prendermos em nosso meio e em uma relação egoísta que apenas nos traz a ilusão de que estamos praticando o amor e ajudando no crescimento de nosso parceiro ou parceira.

Revista Posição

No modo de produção capitalista nós não conseguimos demonstrar nossa personalidade porque temos medo de não agradar a ninguém, de não conquistarmos a pessoa amada e de não sermos aceitos por um grupo; nós vivemos uma patologia da normalidade – mais uma vez recorremos aos ensinamentos de Fromm em *Ter ou Ser?* – onde ser igual, normal e sadio é obedecer a ordem e aos costumes vigentes; é se vestir com a roupa mais cara e o tênis da moda mesmo se sentindo desconfortável; é proferir ou seguir um discurso mesmo sem se identificar com ele. Ser normal na sociedade capitalista é o mesmo que ser conivente com o processo de exploração e reprodução das desigualdades; é esconder-se de si mesmo e obliterar o desenvolvimento de suas potencialidades por medo de ser julgado, chamado de louco e ser excluído.

A razão pela qual as pessoas ficam assim se deve ao fato do modo de produção capitalista ser orientado pela divisão entre as classes sociais, onde a classe dominante detém vantagens sobre a classe dominada graças ao seu alto poder aquisitivo e a detenção dos meios de produção. Como consequência dessa divisão, surgem relações sociais orientadas pelo princípio da competição, onde indivíduos da classe dominada tentam sair de sua condição de explorados para se tornarem dominantes e, posteriormente, sujeitos exploradores. É interessante ressaltar que na maioria das vezes essa luta se dá através de indivíduos isolados, que só pensam em si mesmos e na melhoria de sua condição social, pois no capitalismo os laços de pertencimento a uma classe social, bem como a ideia e o sentimento de transformação social a partir de uma revolução, estão adormecidos no inconsciente dos indivíduos pertencentes à classe explorada.

Além da questão da sinceridade, outra prática que tem sido obliterada pelo capitalismo e suas relações sociais é a amizade. A amizade, assim como o amor, deve ser compreendida como uma atividade na qual eu me disponho a ajudar e aprender com alguém a desenvolver experiências e relações sociais sinceras capazes de nos trazer satisfação e prazer ao vermos aquela pessoa que consideramos como nossa amiga estar bem e conseguindo superar seus obstáculos. Uma amizade verdadeira é aquela que

Revista Posição

passa por altos e baixos, onde um ajuda o outro e onde se sabe compreender os momentos de reflexão do indivíduo ou indivíduos com os quais estamos nos relacionando. Uma amizade é algo que leva bastante tempo para ser construída e muitas vezes elas podem não dar certo, pois somos seres complexos e por mais que criemos empatia por determinado indivíduo ou grupo de indivíduos, muitas vezes – por conta dos obstáculos que a vida nos impõe e das condições que ela nos coloca – o que era empatia pode se transformar em antipatia ou simplesmente nós não temos mais tempo para trabalhar e construir uma relação de amizade. Diante disso, surge outra pergunta: é possível se construir uma amizade verdadeira no modo de produção capitalista? Podemos afirmar que sim, porém, tal tarefa não é nada fácil.

No capitalismo, por conta do seu modelo de funcionamento pautado pela divisão entre as classes e no desejo constante de ascensão social, a maioria das pessoas tendem a ser bajuladoras. E muitas vezes não é porque se quer, mas sim porque tudo funciona como uma grande troca de favores onde a amizade verdadeira é uma prática quase impossível e nós somos obrigados a fingir que compactuamos das ideias de alguém e que gostamos de estar sobre a companhia dessa pessoa ou de um grupo de pessoas para conseguirmos conquistar cargos, prestígio, status e privilégios dentro de um determinado ambiente ou espaço. E quando conseguimos conquistar isso, abandonamos a pessoa ou o grupo ao qual dissemos palavras bonitas sobre amizade, companheirismo e ajuda mútua como se ela ou eles fossem meros objetos descartáveis daqueles que se encontra em qualquer prateleira de supermercado ou loja de conveniência. E esse processo de abandono e desprezo também pode vir a ocorrer com nós mesmos, pois muitas vezes alguém ou um grupo se aproxima de nós por mero interesse acadêmico ou empregatício e assim que conseguem seus objetivos nos pisoteiam e nos esnobam como se nem ao menos nos conhecessem.

Nesse sentido, é possível se estar bem em uma sociedade pautada na mentira e onde os laços de amizade são fracos? Infelizmente não. Nesse mundo onde não se pode desenvolver plenamente as nossas potencialidades, afirmar que se está "bem" é uma

ilusão. Não se pode estar bem em uma sociedade dividida em classes sociais, onde a classe dominante e detentora dos meios de produção dita às regras e cria um código de conduta para ser seguido por uma classe explorada que vive apenas da sua força de trabalho, o que conseqüentemente faz com que os nossos valores autênticos (VIANA, 2007) sejam esquecidos e abram espaço para a reprodução dos valores inautênticos (VIANA, 2007) e reprodutores do discurso dominante. Para a grande maioria dos indivíduos, se enquadrar nessa lógica do capital é fácil, pois para eles comprar um carro, ser visto como um conquistador nato de mulheres, ostentar dinheiro e provocar a inveja é algo fácil e natural. Para outros indivíduos – e julgo como poucos os que são assim – existe um conflito interno constante entre seus valores autênticos (amor, altruísmo, sinceridade etc.) contra os valores inautênticos (egoísmo, mentira, falsidade, inveja etc.) que insistem bater em sua porta graças ao sistema de dominação e reprodução do capital.

Sendo assim, para se construir uma amizade verdadeira e sincera, é preciso que se combata constantemente o capitalismo através da crítica do modelo de funcionamento desse sistema, de suas instituições e das relações sociais de exclusão e desigualdade criadas por ele. É a partir da percepção dessa desigualdade e dessa exclusão geradas pelo capitalismo que os indivíduos começam a desenvolver seu sentimento de compaixão e o ato da solidariedade. Através da compaixão e da solidariedade, percebemos que nós ainda nos preocupamos com o outro – mesmo com os valores dominantes nos ensinando que isso é errado – e que somos capazes de construir laços de amizade sinceros e verdadeiros. É preciso que se compreenda que o ser humano não é mal por natureza – como muito se escuta por aí -, mas que ele é vítima de um sistema que o faz reproduzir determinados valores para manter sua legitimidade.

Portanto, a luta contra esses valores inautênticos que são constituídos socialmente para manter a eficácia e a lógica de dominação e adequação ao modo de produção capitalista não é fácil, pois muitas vezes os indivíduos preocupados com a

Revista Posição



transformação social são julgados como loucos por aqueles que estão ao seu redor e por conta disso também acabam julgando a si próprios dessa maneira. E apesar de todas as dificuldades que a vida nesse sistema nos faz passar, não podemos desistir de transformar radicalmente o mundo, de abolir o capitalismo e de construirmos uma sociedade para o livre desenvolvimento de nossas potencialidades. O coração e a mente de um revolucionário sofrem com todos esses problemas, e é nesse sofrimento e nessa percepção de problemas que encontramos força e vontade de lutar. É também nesse processo que, apesar de todas as dificuldades, nós encontramos nossos reais amigos e nos sentimos encorajados para seguir em frente.

Referências

FROMM, Erich. *A Arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

FROMM, Erich. *Ter ou Ser?* . 4ªed. Rio de Janeiro: Zahar , 1982.

VIANA, Nildo. *Os valores na sociedade moderna*. Brasília: Thesaurus, 2007.